

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17094 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

PERSPECTIVAS DOCENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Everton Bandeira Martins - PPGEDU/UFRGS

PERSPECTIVAS DOCENTES NO ENSINO DE HISTÓRIA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Resumo: Este trabalho investiga a percepção do Ensino de História por meio das narrativas de duas professoras da Educação Básica no Rio Grande do Sul, utilizando a abordagem metodológica das “pesquisas nos/dos/com os cotidianos”. As entrevistas com as professoras, identificadas como Joana D’Arc e Helena de Tróia, destacam como suas práticas pedagógicas e experiências pessoais refletem e moldam a formação da identidade e cidadania dos alunos. A análise revela que, para Helena, a História é fundamental na construção da identidade e compreensão do mundo, embora enfrente desafios devido à desvalorização das ciências humanas. Joana enfatiza a importância da História na formação da identidade social e a influência predominante da mídia. Ambas as professoras enfrentam desafios relacionados à diversidade de opiniões dos alunos e à necessidade de contextualização das práticas educativas. A pesquisa adota uma perspectiva que articula procedimentos de pesquisa com os cotidianos, destacando a relevância de compreender os ‘praticantes-pensantes’ e seus modos de estar no mundo para uma educação mais significativa e transformadora.

Palavras-chave: Ensino de História, Identidade, Cidadania, Pesquisas Cotidianos, Abordagem Metodológica.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção do Ensino de História a partir das narrativas de professoras que atuam na Educação Básica, no estado do Rio Grande do Sul. Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas duas professoras, que escolheram os pseudônimos Joana D’Arc e Helena de Tróia. Suas falas constituem a base das reflexões desenvolvidas sobre o papel da disciplina de História no contexto escolar.

Esta investigação visa trazer à tona as visões dessas profissionais da Educação Básica, cuja voz muitas vezes é ofuscada pelos discursos acadêmicos que predominam nos debates sobre o ensino de História. Embora esses discursos sejam importantes, eles frequentemente excluem as experiências daqueles que lidam diretamente com o ensino nas salas de aula da Educação Básica.

Ao focar nas práticas e vivências cotidianas, esta pesquisa adota uma abordagem que

busca compreender como as estruturas sociais e as relações de poder afetam os diferentes grupos, especialmente aqueles que são marginalizados. A pesquisa baseada no cotidiano tem se consolidado como uma ferramenta essencial na luta contra as desigualdades sociais, ao revelar as formas sutis e contínuas pelas quais a opressão se manifesta e se perpetua. Este enfoque permite construir um contraponto necessário às análises macroestruturais, que muitas vezes ignoram essas nuances (Certeau, 1994).

Este estudo foi conduzido por meio de entrevistas semiestruturadas com duas professoras de História de escolas públicas, que optaram pelos pseudônimos Joana D'Arc e Helena de Tróia. A coleta de dados foi realizada de maneira a capturar as percepções dessas docentes sobre o Ensino de História, contextualizando suas experiências profissionais.

As participantes do estudo, Helena de Tróia e Joana D'Arc, possuem ampla experiência na área de ensino de História. Helena de Tróia atua como professora há 18 anos, lecionando tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Ela divide sua carga horária de 40 horas semanais entre uma escola municipal e uma estadual. Formada em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Helena também possui especialização em História do Brasil pela mesma instituição e está há 6 anos na escola onde atualmente trabalha.

Já Joana D'Arc, com 30 anos de experiência no magistério, é aposentada do município, mas continua a atuar na rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. Assim como Helena, Joana também é formada em História pela UFSM e concluiu o curso de Mestrado em Educação na mesma instituição em 2002.

A metodologia utilizada segue os princípios das pesquisas com os cotidianos, que se caracterizam pela proximidade com os sujeitos pesquisados e pela valorização de suas experiências e narrativas (GARCIA, 2003). Métodos como a observação participante, entrevistas em profundidade e análise de narrativas foram adotados para capturar as complexidades das dinâmicas sociais. Essa abordagem reflete um compromisso ético com a empatia e a transformação social, ao buscar não apenas compreender, mas também impactar positivamente a realidade investigada (MINAYO, 2010; FLICK, 2009).

No presente estudo, o foco nos cotidianos foi concretizado nas narrativas das duas professoras durante as entrevistas. Além disso, o pesquisador acompanhou as práticas docentes de cada professora por um período de quatro semanas, possibilitando uma imersão mais aprofundada em suas rotinas pedagógicas.

As entrevistas revelaram perspectivas distintas e complementares sobre a importância

e os desafios enfrentados no ensino de História.

Helena de Tróia destacou a relevância da disciplina no Ensino Médio, enfatizando a importância do conhecimento histórico para a compreensão do passado e da formação da identidade pessoal e cidadã. Segundo Helena, a História ajuda os alunos a entenderem a evolução da humanidade e sua própria posição no mundo, conectando-se estreitamente com questões filosóficas e culturais. Ela vê a História como fundamental para a cidadania e para o ingresso no Ensino Superior. No entanto, Helena também apontou que na prática, esses objetivos frequentemente se perdem devido à falta de valorização das ciências humanas em comparação com as ciências exatas.

A disciplina de História tem por objetivo, primeiro é trabalhar a questão do conhecimento histórico e capacitar os alunos a entenderem que a humanidade ela passou por vários processos e se hoje nos vivemos da forma como vivemos é por que anteriormente milhões de outras pessoas tiveram outras experiências. Isso é importante, pois, ajuda, a saber, como é que foi o passado para entender quem somos e o que buscamos da vida. Isso está muito ligado às questões filosóficas, História e Filosofia andam muito juntas. E também por que não dizer, todo mundo tem o objetivo de continuar os seus estudos e a História faz parte de um núcleo comum, é uma disciplina fundamental para a cidadania, mas também é um instrumento para se ingressar no Ensino Superior (Helena de Tróia).

Por outro lado, Joana D'Arc focou na contribuição da História para a formação da identidade dos alunos, sugerindo que a disciplina deve ajudar os estudantes a se reconhecerem como participantes ativos da sociedade. Para Joana, a História pode promover um entendimento mais profundo das relações sociais e dos valores culturais. No entanto, ela também mencionou que os meios de comunicação em massa desempenham um papel significativo na formação das percepções dos alunos, muitas vezes superando o impacto da educação formal.

No sentido mais específico, acredito que a disciplina de História desempenha um papel importante na construção das relações de pertencimento dos adolescentes com a sociedade e o mundo em que vivem. Ela ajuda os alunos a compreenderem seus valores, pontos de vista e a se posicionarem frente ao mundo. Além disso, está profundamente ligada à questão da cidadania, que envolve tanto direitos quanto deveres. A História contribui para a formação da identidade dos alunos, a qual está intimamente relacionada com a cultura da sociedade em que vivem. Acredito que a História tem o objetivo de ampliar a visão dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda e reflexiva. É possível, sim, alcançar um entendimento mais abrangente sobre esses aspectos, embora o papel da mídia como grande formadora de opinião represente um desafio significativo, devido ao seu poder de convencimento e constante repetição de informações. No entanto, é possível que, através da História, se alcance uma boa parte desse objetivo. (Joana D'arc).

Ambas as professoras abordaram as dificuldades enfrentadas na formação crítica e autônoma dos alunos. Helena de Tróia refletiu sobre o conceito de cidadania, destacando que ser cidadão envolve entender e exercer os direitos e deveres em diversos papéis sociais. Ela observou que a escola atualmente assume muitas responsabilidades que antes eram da família, indicando uma sobrecarga de funções para o sistema educacional.

Ser cidadão hoje é compreender que vivemos em um mundo complexo e integrado. É necessário desempenhar diversos papéis – como trabalhador, estudante, e membro da família – e entender os limites, direitos e deveres de cada um. Isso inclui saber como agir para melhorar a vida do grupo e lidar com questões básicas, como a interpretação do Código de Defesa do Consumidor. No século XXI, ser cidadão implica ter consciência desses papéis sociais, que, muitas vezes, são ensinados pela escola devido à falta de envolvimento familiar. Antigamente, a família tinha um papel mais ativo na formação dos jovens, mas atualmente a escola assume responsabilidades que antes não eram suas, como a educação no trânsito e prevenção de drogas. Assim, ser cidadão é reconhecer e compreender essas novas demandas e responsabilidades (Helena de Tróia).

Neste ponto, cabe ao profissional de História trabalhar em pesquisas que busquem os motivos e as configurações destas relações, oferecendo alternativas para as sociedades na ruptura destes processos. Acredita-se que uma sociedade permeada por focos de poder, onde não se objetiva a inclusão dos não-cidadãos, e sim a briga pelos grupos dominante, não é válido na atualidade. Ao profissional da área de História não cabe o papel de legitimar práticas de dominação e de exclusão.

Joana D'Arc, por sua vez, reconheceu o papel importante do professor como referência, enfatizando a necessidade de respeitar a diversidade de opiniões dos alunos e de promover um ambiente de aprendizado crítico e reflexivo. Ela também apontou os desafios de lidar com a influência da mídia e a necessidade de considerar os pequenos progressos dos alunos.

Se os alunos conseguem interpretar o texto e relacioná-lo com a estrutura econômica e social do Brasil, já é um grande avanço. Isso pode contribuir significativamente para sua formação. No entanto, é importante ter cuidado com o que se aborda em sala de aula e respeitar as diversas posições políticas dos alunos, que podem variar desde a extrema direita até a extrema esquerda. Em vez de impor uma visão, é melhor problematizar e incentivar o questionamento. Forçar uma perspectiva pode ser contraproducente e não é ético. Além disso, a presença de diferentes visões políticas entre os professores pode confundir os alunos. Por isso, é crucial promover um ambiente de estudo onde os alunos possam formar suas próprias opiniões com base em uma análise crítica e independente (Joana D'arc).

A análise dos dados revela que o ensino de História enfrenta desafios significativos na formação crítica dos alunos, especialmente quando se trata de superar a influência dominante da mídia e outras fontes externas. A pesquisa com os cotidianos mostra como as desigualdades são reproduzidas e naturalizadas no dia a dia, e destaca a importância de trazer à tona as vozes daqueles que frequentemente são silenciados. Esses insights são fundamentais para a formulação de políticas públicas e práticas educativas que visem uma sociedade mais justa e igualitária.

Relacionado à formação de cidadãos críticos, a pesquisa sugere que o ensino de História deve abordar a cidadania de forma mais integrada com as realidades cotidianas dos alunos, superando a abordagem teórica que frequentemente não se conecta com as experiências reais dos estudantes. As dificuldades encontradas, como a falta de interesse dos alunos e as limitações estruturais do sistema educacional, foram identificadas como barreiras significativas para a efetividade do ensino de cidadania.

Deste modo, percebemos que o processo de formação do sujeito nem sempre é fácil, ocorrendo diversos conflitos. Este tipo de conflito ocorre, sobretudo, pelo fato do choque de interesses, uma vez que “[...] relação entre ensino de história e a construção de cidadania assume diferentes configurações nos diversos contextos políticos” (FONSECA, 1997, p.14). A cidadania é um conceito central na formação de sujeitos críticos e participativos, sendo essencial para a promoção da justiça social e da democracia (Marshall, 1967). Entretanto, a forma como esse conceito é transmitido no ambiente escolar ainda enfrenta desafios, especialmente em como se relaciona com as realidades dos estudantes. O ensino de cidadania, conforme os relatos dos professores, tende a ser abordado de maneira teórica e distante das realidades cotidianas dos alunos, o que compromete sua efetividade. A falta de interesse dos alunos e as limitações estruturais do sistema educacional foram apontadas como barreiras significativas.

A escola, como espaço de convivência obrigatória, desempenha um papel crucial na formação das identidades. O profissional de História deve refletir sobre suas práticas, reconhecendo que elas são decisivas para a socialização e a constituição da cidadania, dada a grande quantidade de sujeitos envolvidos. O conhecimento histórico é fundamental para a conquista da cidadania, pois ajuda a analisar as relações na sociedade atual.

Apesar de a cidadania não ser exclusiva da História, a disciplina é essencial para preparar os alunos não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade. É necessário incorporar discussões sobre práticas cotidianas para atingir esse objetivo.

Joana D’Arc e Helena de Tróia demonstram que o profissional de História deve ir além de uma visão técnica e se ver como um agente de transformação social. Discutir conceitos de forma erudita, sem conexão com a realidade, é ineficaz. A História deve ser uma ferramenta prática e relevante.

Portanto, é responsabilidade do professor de História desafiar o status quo e mostrar como superar desigualdades. As temáticas abordadas devem alinhar-se com a ação humana e o contexto histórico, promovendo um diálogo sobre o papel do aluno como cidadão. O ensino de História pode provocar mudanças significativas, contribuindo para a formação de um espírito crítico e uma integração social mais equitativa.

Referências:

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FONSECA, S. O Ensino de história e a construção da cidadania. In: SEFFER, F. *Qual história? Qual ensino? Qual cidadania?* Porto Alegre: ANPUH, Ed. Unisinos, 1997.

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCIA, R. *Método, métodos, contramétodos*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARSHALL, T. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MINAYO, M. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010.